

20 DE SETEMBRO

A guerra de uma década que forjou a identidade gaúcha

Juliano Tatsch

juliano@jornaldocomercio.com.br

“Foi o 20 de Setembro, o precursor da liberdade”.

No ano que vem, completam-se 180 anos do fim do conflito que forjou uma cultura. Durante 10 longos anos, entre 1835 e 1845, os campos do Pampa gaúcho se tornaram cenários de batalhas e pelejas, onde o tilintar das espadas se chocando se misturou com os estampidos e explosões dos canhões e pistolas. O sangue que manchou a terra desenhava uma tradição e escreveu um dos capítulos mais extraordinários da história gaúcha e brasileira.

A Guerra dos Farrapos está presente no dia a dia dos gaúchos. Em Porto Alegre, por exemplo, basta um passeio pelas vias da cidade para se cruzar pela avenida Bento Gonçalves, pelas ruas Anita Garibaldi e Vicente da Fontoura, pela avenida Farrapos e por tantas outras ruas e logradouros públicos espalhados pelos quatro cantos do município.

A Revolução Farroupilha foi a mais longa das guerras civis já travadas em território brasileiro. Durante uma década, brasileiros enfrentavam brasileiros em um conflito que, ainda que longo, deixou um número de mortos relativamente pequeno, entre 2,9 mil e 3,4 mil pessoas – menos de uma vítima fatal por dia.

A guerra em si se dava de diversas maneiras, seja por meio de emboscadas, pequenas e médias

escaramuças, confrontos navais e de artilharia com canhões, até grandes embates em campo aberto com soldados se enfrentando com espadas e armas de fogo a cavalo ou a pé.

Composta por hábeis cavaleiros, homens acostumados com a lida do campo, com a doma e o pastoreio, conhecedores do terreno, a cavalaria dos Farrapos era temida e respeitada, como registrou Giuseppe Garibaldi em carta enviada a Domingos José de Almeida em setembro de 1859, na qual, saudosamente, relembra o período em que atuou junto com os farroupilhas 17 anos antes.

“Eu vi corpos de tropas mais numerosos, batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes que os da bela Cavalaria Rio-grandense, em cujas filas principiei a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações. Quantas vezes tenho tentado patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar por essa viril destemida gente, que sustentou por mais de nove anos contra um poderoso Império a mais encarniçada e gloriosa luta.”

Os líderes farroupilhas eram homens, em sua maioria, de poses. Proprietários de terras, escravocratas, criadores de gado e militares com patentes altas no Exército imperial brasileiro faziam parte de uma elite rural do Rio Grande do Sul.

Elite essa que se via escorchada pelos altos tributos cobrados pelo poder central do charque



Guerra dos Farrapos está presente no RS através de nomes de vias, como Bento Gonçalves, Anita Garibaldi e Vicente da Fontoura

produzido por aqui e que era o motor da economia da Província de São Pedro do Rio Grande, nome que o Rio Grande do Sul tinha na época.

O charque do Sul do País – produzido com mão de obra escravizada – alimentava a produção nacional de café e de cana do centro do Império, mas os produtores gaúchos viam a carne uruguaia e argentina entrar no Brasil a preços muito menores, estabelecendo-se, assim, uma concorrência desleal entre o charque gaúcho e o

charque importado.

Um dos pedidos recorrentes dos estancieiros gaúchos era pela taxa da carne importada, aumentando, dessa maneira, a competitividade e a atratividade do produto brasileiro. Entretanto, isso não era do interesse dos fazendeiros paulistas e mineiros, que tinham na compra do charque de fora um negócio mais lucrativo e não queriam ver suas receitas caírem para satisfazer as demandas dos produtores do Sul.

Somado a isso, existia

também, de fundo, um crescente desejo por mais autonomia para as províncias em relação ao poder central, naquele momento exercido pelos regentes, já que o jovem imperador Dom Pedro II tinha apenas nove anos de idade.

Descontentamentos em razão da cobrança de impostos, porém, por si só, sempre existiram e seguem existindo e nunca foram motivo suficiente para originar uma revolta armada. Assim, o contexto político local na época envolvia outras nuances.

Ao Sul do Brasil, um pedaço de terra sempre em conflito

O Rio Grande do Sul sempre foi uma parte do território brasileiro que deu dor de cabeça ao Império, tanto antes quanto depois da independência proclamada em 7 de setembro de 1822. Fazendo divisa com a América espanhola (Argentina e Uruguai), a região fronteira vivia em estado de permanente tensão, com disputa pela posse da terra e invasões e confrontos fazendo parte do dia a dia dos que ali viviam.

Érico Veríssimo retratou bem esse cenário em seu livro *O Continente*, parte da trilogia *O Tempo e o Vento*. “Escuta o que vou lhe dizer, amigo. Nesta província a gente só pode ter como certo uma coisa: mais cedo ou mais tarde rebentava uma guerra ou uma revolução... Que é que adianta plantar, criar, trabalhar como um burro de

carga? O direito mesmo era a nossa gente nunca tirar o fardamento do corpo nem a espada da cinta. O castelhano está aí mesmo. Hoje é Montevideu. Amanhã, Buenos Aires. E nós aqui no Continente sempre acabamos entrando na dança.”

Uma década antes dos acontecimentos de 1835, a região vivera uma guerra que deixou uma cicatriz permanente no Império brasileiro, resultando, em 1825, na separação da Província Cisplatina, que pertencia ao Brasil, e se tornou o independente Uruguai.

A separação ampliou o desgaste entre os estancieiros e charqueadores do RS e o império, que se via em meio a uma espécie de cabo de guerra que pendia fortemente para o lado dos paulistas e mineiros.



Rio Grande do Sul sempre foi uma parte do território brasileiro que passou por conflitos